



AS VÁRIAS POSSIBILIDADES DE MANIFESTAÇÃO DO CONTEÚDO: A DESCRIÇÃO, A NARRAÇÃO, A DISSERTAÇÃO

Já abordamos, na Unidade 3, as várias possibilidades de manifestação do conteúdo. Vamos dar continuidade a essa questão.

Inicialmente, é importante lembrar que muitas são as linguagens através das quais o conteúdo pode ser manifestado. Além disso, é possível organizar variados tipos de texto utilizando uma mesma linguagem. Por exemplo, com a linguagem visual, podemos produzir uma tela a óleo ou um grafite; a linguagem musical pode nos proporcionar uma sinfonia ou um samba; a partir da linguagem verbal podemos redigir um poema ou uma receita de bolo. E podemos utilizar todas essas possibilidades para veicular diversos conteúdos, ou para veicular um mesmo conteúdo. É perfeitamente possível pensar que um tema, por exemplo, A IMPORTÂNCIA DO ENGENHEIRO AMBIENTAL, pode ser desenvolvido e manifestado em uma tela a óleo, em um grafite, em uma sinfonia, em um samba, em um poema ou, mesmo, em uma receita de bolo (pegue uma boa dose de otimismo, acrescente cinco vezes mais de perseverança, misture até obter um resultado sólido ...).

Mas essa possibilidade não nos deve levar a supor que a utilização de uma determinada linguagem e a composição de um determinado tipo de texto sejam indiferentes frente ao conteúdo manifestado. É importante considerar que o plano de expressão não é uma instância pura e simplesmente física que permite o veicular de idéias. Ao contrário, a manifestação também se recobre de significação. Como exemplo, observe o poema abaixo:

VOA MARQUINHO

voa
marquinho
voa
veloz
procura
no alto
o segredo
dessa dor
é muita lágrima
a saudade machuca o coração
fere a alma marca a família
a nave preocupa até tortura
reportagens ansiedade adeus
difícil
de crer
na vida
é assim
a prece
só quer
os céus
e terra
ligados
amigo
voa
voa
marquinho
ao infinito
chamado
de deus
voa

Além do conteúdo que é veiculado pela linguagem verbal, há também o formato de um avião (linguagem visual), que não é indiferente, uma vez que o poema é uma homenagem a um piloto que morreu em um acidente, durante seu trabalho¹.

Uma outra situação importante para a exemplificação da não-neutralidade do plano de expressão diz respeito à expectativa que já se construiu em torno dos diferentes tipos de texto. Assim, até posso desenvolver o tema A IMPORTÂNCIA DO ENGENHEIRO AMBIENTAL através de uma receita de bolo, podendo mesmo traçar considerações das mais importantes. Não obstante, meu texto sempre será circundado por um efeito de brincadeira, o que não o tornará adequado para desempenhar papéis considerados mais sérios. Se eu for convidado a defender a importância da profissão do engenheiro ambiental em um debate, certamente não utilizarei o formato de uma receita de bolo, a não ser, por exemplo, como uma forma de introduzir minha discussão, trazendo certa leveza para um debate mais acirrado.

Finalmente, há ainda que se considerar que as variadas linguagens, ainda que não impeçam a manifestação de todo e qualquer conteúdo, oferecem recursos interessantes a serem explorados, mas também coerções. Por exemplo, se desejamos explicar como é fisicamente uma pessoa, talvez seja melhor exibir uma foto sua ao invés de detalhar suas características através de um texto verbal descritivo. Se nossa intenção, ao contrário, é descrever os aspectos psicológicos dessa mesma pessoa, talvez a foto nos ofereça menos recursos que a linguagem verbal. Nada disso nos impede de realizar ambas as operações com ambas as linguagens, mas, certamente, estas oferecerão recursos diferenciados que acabarão por interferir no conteúdo.

Feita toda essa contextualização, vamos focar a linguagem verbal, dado o caráter desta disciplina em meio a um curso de formação de Engenheiros Ambientais.

Ainda que todas as linguagens desenvolvidas e utilizadas pelos homens sejam muito importantes para a vida das sociedades, a linguagem verbal desempenha um papel diferenciado, sendo através dela, inclusive, que nos relacionamos com as outras. Por exemplo, se vamos tecer nossas impressões sobre um filme, não compomos um outro filme, mas falamos sobre ele. Assim é que temos nossa linguagem verbal presente em praticamente todas as circunstâncias da vida: do simples bilhete que deixamos na geladeira, até um tratado de física quântica².

E, considerando que estamos em um ambiente de formação acadêmica, vamos nos deter sobre o texto argumentativo, uma vez que esse tipo de texto será o mais solicitado, através de dissertações, trabalhos para as diversas disciplinas, monografias e mesmo para a resolução de exercícios:

Um texto argumentativo implica sempre, inicialmente, um tema e um problema. Sobre um tema (...) podemos colocar uma porção de problemas (...). Ao escrever um texto argumentativo sobre esse tema, o autor não pode misturar vários problemas. Escolhe um deles, geralmente, e o desenvolve. (Abreu, p. 47)

A definição acima apresenta importantes considerações a respeito do texto argumentativo, que vamos desenvolver relacionando características básicas de três tipos de texto bastante conhecidos dos estudantes: a descrição, a narração e a dissertação (que é um tipo de texto argumentativo).

¹ Composição do professor Sebastião Diniz de Queiroz.

² Os exemplos de produções escritas não nos devem levar a desconsiderar a oralidade e sua enorme importância.

Duas palavras-chave da definição são TEMA e PROBLEMA. Se formos ao dicionário, veremos que uma definição possível para tema é proposição que vai ser tratada ou demonstrada; assunto³. Compreendemos, então, que o texto argumentativo, como a dissertação, fundamenta-se no tratamento (ou desenvolvimento), na demonstração de um assunto. E também compreendemos que, desde que um determinado assunto pode ser desenvolvido, ou demonstrado, é porque, necessariamente, envolve um problema. Esse problema pode ser a necessidade de solução de algum impasse pela ciência, por exemplo, a demonstração de como certa substância pode atuar sobre células cancerígenas; esse problema pode ser um impasse social diante de uma decisão polêmica como legalizar ou não o aborto. De qualquer forma, um texto argumentativo implica, sempre, a existência de algo - um tema - que pode ser debatido: não faz sentido construir toda uma argumentação em torno de alguma coisa que não gera nenhum questionamento, nenhuma dúvida, nenhum ponto de vista contrário, em torno da qual, enfim, já se formou um consenso. Se vamos redigir uma dissertação, portanto, vamos, explicitamente, participar de uma discussão em torno de um determinado assunto.

Diferentemente, a descrição e a narração caracterizam-se por serem textos que não explicitam uma discussão. Se retomarmos o conto popular do sapo e do escorpião (Unidade 3), e o texto construído por Savioli e Fiorin a propósito do conto, vamos verificar que o primeiro simplesmente conta uma história, ou seja, procura representar para o leitor alguma coisa que aconteceu, mesmo que em um universo imaginário. É uma narração. O texto de Savioli e Fiorin, ao contrário, não tem como objetivo representar o que aconteceu, mas desenvolver uma interpretação do fato ocorrido. É um texto argumentativo.

A descrição, assim como a narração, também gera um efeito de sentido de representação e não de interpretação. A diferença básica entre narração e descrição é que, enquanto a primeira representa alguma coisa ao longo de um período de tempo, a segunda fixa-se em um determinado momento, operando como que um recorte sobre a linha temporal, e representa (descreve) como alguma coisa se encontra naquele momento específico. Observe como a descrição, de certa forma, contém em si, implicitamente, uma narração: se construíssemos um texto que descrevesse o momento exato em que o escorpião pica o sapo, certamente o faríamos utilizando elementos que, implicitamente, indicassem para o leitor que houve um momento anterior em que o sapo aceitou (ou foi coagido a) transportar o escorpião nas costas, e um momento posterior, que seria a morte de ambos. E faríamos isso para que nossa descrição pudesse fazer algum sentido, pois ninguém descreve alguma coisa à toa, sem uma intenção, sem um propósito, sem uma necessidade, sem que esse algo que está sendo descrito seja, de alguma forma, situado em um contexto. Um outro exemplo: a descrição de uma pessoa envelhecida só faz sentido porque, implicitamente, está claro o momento anterior em que essa pessoa teve um aspecto jovial.

Mas não são apenas a narração e a descrição que se implicam. Esses dois tipos de texto também contém em si, de certa forma, uma dissertação. Ocorre que, assim como não descrevemos alguma coisa sem uma intenção, também não narramos qualquer acontecimento sem uma razão; pelo contrário, buscamos sempre mecanismos através dos quais essa narração faça sentido para o nosso interlocutor. Por exemplo, por que eu narraria um incêndio no cerrado para alguém que nem sabe o que é um cerrado? Mas se eu fizer a mesma narração para alguém que, assim como eu, está preocupado com a necessidade de conservação dos cerrados, então minha narração se revestirá de sentido e, a partir dela, certamente que

³ **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Ed. Nova Fronteira, 15ª edição.

uma calorosa discussão será iniciada, tratando da questão da necessidade da conservação do meio ambiente, da falta de respeito do ser humano pela natureza, da falta de consciência das autoridades diante do problema ambiental, etc. Ocorreu que minha narração, revestindo-se de sentido, suscitou um texto argumentativo. De certa forma, esse texto argumentativo estava implícito em minha narração.

Em outras palavras, é de fundamental importância frisar que narração e descrição não são textos neutros, que pura e simplesmente representam alguma coisa ou algum acontecimento. Implicitamente, ambos desenvolvem uma interpretação do que está sendo descrito ou narrado. Se assim não fosse, então nunca teríamos narrações diferentes para um mesmo acontecimento, ou, dito de outra forma, para cada acontecimento teríamos tão somente uma narração, ou para cada coisa teríamos tão somente uma descrição possível. Mas não é o que se verifica: um mesmo fato - um acidente, por exemplo - será descrito ou narrado de uma maneira por um jornal sensacionalista e de outra por agentes da perícia técnica.

Mais uma vez, estamos diante das implicações entre IDÉIAS, PLANOS DE EXPRESSÃO, PLANOS DE CONTEÚDO, SENTIDOS, e EFEITOS DE SENTIDO, conceitos que se interpenetram continuamente. Qualquer coisa pode ser narrada, descrita e dissertada, mas nenhuma escolha sobre certo texto será neutra: uma descrição irá explicitar, em detalhes, apenas parte de um todo; uma narração fará aparecer esse todo; uma dissertação colocará esse todo em segundo plano, para fazer aparecer uma interpretação dele. Efeitos de sentido diversos serão criados e, certamente, terão sido motivados por alguma intenção.

Finalmente, algumas considerações sobre a noção de unidade:

Todo bom texto tem unidade, isto é, um equilíbrio de intenção, assunto e linguagem. Na verdade, o texto escrito cria a sua própria unidade para que seja bem-sucedido. (...) É preciso que as relações entre as partes estejam visíveis, ou que pelo menos sejam imediatamente compreensíveis.

Para fins didáticos, podemos dividir essa unidade interna do texto escrito em duas partes:

- a) Unidade temática. Um texto bem escrito delimita com clareza o seu assunto central.
- b) Unidade estrutural. Um texto bem escrito estabelece uma seqüência lógica de informações.

Sabemos que a unidade temática (isto é, o texto deve tratar do mesmo assunto) e a unidade estrutural (isto é, o texto deve obedecer a uma seqüência coordenada de informações) são elementos fundamentais de grande parte dos textos escritos. (Faraco e Tezza, p. 151 e 152)

Como qualquer texto, a dissertação tem um começo, um meio e um fim, ou, uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Na introdução, apresenta-se o que será desenvolvido, buscando recursos que destaquem a importância do tema que será discutido, com isso buscando cativar o leitor, levando-o a ter interesse em prosseguir em sua leitura. No desenvolvimento, discute-se o tema da dissertação, buscando explicitar um ponto de vista, ou o debate entre pontos de vista diferentes, sempre argumentando, explicando e inter-relacionando. Na conclusão, retoma-se o que foi desenvolvido e apresenta-se uma finalização geral, de forma a sugerir que a discussão foi ampla e profunda o suficiente para suscitar muitas reflexões.

Assim, organiza-se o plano de expressão do texto dissertativo observando sua característica de explicitar certa interpretação sobre um determinado tema. Mas, para que o plano de expressão possa cumprir seu papel, é imprescindível um plano de conteúdo bem organizado, que tenha efetuado um preciso recorte no amplo debate de idéias que se estabelece em torno do tema que estiver em questão.

Como já explicitado na Unidade 1, o caráter desta disciplina é prático e, por isso, não vamos mais nos alongar em considerações teóricas sobre a composição textual. Vamos praticar e sempre rever os textos produzidos, desenvolvendo outras considerações teóricas sempre que surgirem necessidades reais de aprimoramento.

REFERÊNCIA

ABREU, Antônio Suárez. Curso de Redação. São Paulo: Ática, 2004.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. Prática de texto para estudantes universitários. Petrópolis (RJ): Vozes, 1992.